JOÃO TORDO



Companhia Das Letras

O INFERNO CHEIO

THRILLER

1 de Janeiro de 2025

"Era isto que procurava?"

A mulher — cabelo ruivo e curto, calças de ganga demasiado justas, envolta numa nuvem de perfume — entrou e mostrou o espaço: duas divisões sem porta, chão de tacos de madeira muito gastos, duas janelas abertas de par em par e que davam para a rua em frente.

O homem — rapaz, talvez — baixou a cabeça para não bater na moldura da porta, que era demasiado baixa. Entrou também; fazia lembrar uma árvore despida, sem folhas, um despojo de Inverno. Arrastava um saco de lixo atrás dele, aparentemente cheio de coisas; as botas sujas deixaram uma marca nos tacos. Estava todo vestido de preto — calças de ganga, camisola de capuz —, o cabelo castanho-escuro chegava-lhe ao pescoço. Se a agente imobiliária tivesse atentado nos olhos dele, concluiria, porventura, que se tratava de uma pessoa mentalmente perturbada.

A mulher olhou para o relógio, nervosa. Era evidente que não se sentia à vontade com aquela figura soturna e silenciosa no apartamento vazio.

"Bom, olhe, isto é muito pouco habitual", disse ela, por fim, de braços cruzados, junto da janela. "É feriado, eu costumo tirar estes dias de férias."

O rapaz aproximou-se. A noite caíra, e uma Lua incandescente pairava sobre a cidade. O rosto dele, àquela luz do primeiro dia do ano, assemelhava-se ao de um mocho que observasse

a realidade de um alto poleiro, nos olhos, um brilho cruel, quase maléfico.

"… como pode ver, é bastante espaçoso para estúdio, tem esta vista desafogada, imenso potencial. Pode fazer quarto aqui, sala ali, tem boa exposição solar…"

O telemóvel dela começou a tocar. A agente imobiliária desculpou-se, tirou-o da carteira e desligou.

"O Preto dos Anjos", disse ele, a voz rouca ressoando pelo espaço vazio.

"O quê?"

"*Vista desafogada.*"

A mulher olhou pela janela. Na penumbra, via-se o nome do restaurante do outro lado da rua: O Preto dos Anjos.

"Está virado a norte", disse o rapaz. "Quase não recebe sol. É frio, húmido, e sente-se o cheiro a mofo. O chão está em péssimo estado."

"… está pronto a habitar, e é a dois passos do metro…"

O rapaz levantou o indicador da mão direita.

"O seu telefone vai tocar outra vez."

E tocou mesmo. A mulher sobressaltou-se, tirou-o da carteira, virou as costas ao cliente e, atendendo, sussurrou algumas palavras bruscas no bocal. O rapaz avançou até um canto do espaço vazio e pousou o saco de lixo; depois, sentou-se sobre os calcanhares e, do interior do saco, tirou uma miniatura do Concorde feita em Lego — antiga, com muitas peças em falta —, que pousou no chão; em seguida, virou o saco, e dele caíram centenas de peças de Lego.

A agente imobiliária voltou-se para ele e viu-o de cócoras, a olhar atentamente para a montanha de peças coloridas.

Da janela, a Lua, branca, doente, pairava no céu escuro, observando-os.

"Como é que sabia?"

"O quê?", perguntou ele, sem encarar a mulher.

"Que o meu telefone ia tocar."

O rapaz encolheu os ombros.

"Probabilidades."

"Quais probabilidades?"

Ele ergueu a cabeça, o cabelo longo escondendo-lhe parcialmente o rosto; o rosto de alguém habituado a trilhar a dor. Tinha pouca barba, e era rala, mais clara do que o cabelo.

"Era o seu namorado. Você divorciou-se há cerca de dois anos, talvez um pouco mais." Fez uma pausa. "Não percebo o espanto. Ainda tem a marca da aliança, mas começa a notar-se menos." Remexeu as peças soltas no chão, como se procurasse uma em especial. "As probabilidades ditam que, no caso de uma discussão entre um casal, o primeiro telefonema rejeitado precipita o segundo em menos de um minuto e meio. Foi o que aconteceu."

"Mas como é que sabe que…"

"É dia 1 de Janeiro", interrompeu ele, levantando-se. Ouviram-se os ossos dos joelhos a estalar. "Se não houvesse um problema na sua vida pessoal, jamais viria mostrar um apartamento hoje. Deduzo que esteja zangada com o seu namorado. Se calhar, trabalha na mesma imobiliária."

"O quê?"

A mulher parecia ter corado, mas a pouca luz não permitia confirmar. Lá fora, vindas d'O Preto dos Anjos, ouviam-se as vozes dos clientes.

O rapaz aproximou-se dela e exibiu uma espécie de sorriso matreiro.

"Oh. O seu namorado é o seu patrão. Tiveram uma discussão, e preferiu vir trabalhar a ficar em casa a lidar com o desconforto."

"Mas quem é que você acha que é?", indignou-se ela.

"Chamo-me Dylan."

"Como o Bob Dylan?"

"Como o Dylan Thomas."

"Não sei quem é."

"Claro que não sabe." Dylan olhou em volta, para as duas divisões contíguas, tristes e desconsoladas. "Fico com ele. Com o apartamento."

A agente pôs a carteira ao ombro, perplexa, quase irritada.

"Acho melhor irmos embora, mande uma proposta, para o proprietário avaliar."

"Então, e as *vistas deslumbrantes*?", gozou Dylan. "*Um lar no coração de Lisboa*? *Um refúgio urbano com alma*?"

A mulher encaminhou-se para a porta, os saltos a martelarem no soalho.

"Não estou para isto, por amor de Deus. Nem sequer sei quem você é."

"Sou investigador", disse Dylan.

Junto da porta, ela voltou-se.

"Investigador de quê?"

"Neste momento, ando atrás de um psicopata que já matou duas vezes", adiantou. "E que vai voltar a matar."

A agente imobiliária fitou-o durante largos segundos, e, nesse olhar, Dylan viu-lhe o medo.

"Vou chamar a Polícia", disse ela.

"Além disso, tenho um acerto de contas a fazer", acrescentou Dylan. "O seu telemóvel vai tocar."

E tocou mesmo. A agente tirou-o da carteira e desligou-o; o telemóvel escapou-lhe das mãos e caiu no chão. Ela debruçou-se para o apanhar.

"Você é completamente louco."

"Ofereço-lhe o dobro."

"Hã?"

"Ofereço-lhe o dobro do preço que estão a pedir", repetiu ele. "E seis meses de renda adiantados. Era precisamente disto que eu andava à procura."

Dylan fixou o olhar na Lua, que parecia crescer a cada instante que passava.

2 de Janeiro de 2025

Em 1955, apenas três anos depois de eu ter vindo a este mundo, um miúdo de cinco anos perseguia uma gralha, que se refugiou num algar em Porto de Mós.

Quando voltou para casa, contou a história ao pai, que encolheu os ombros e o mandou comer a sopa.

Mas o rapazinho insistiu e, após muita perseverança, lá convenceu o pai, que, por sua vez, convenceu um grupo de trabalhadores de uma pedreira local a explorar o algar. Munido de uma caixa de fósforos e uma corda, o rapazinho foi o primeiro a descer às Grutas de Santo António, um mundo de maravilhas subterrâneas, estalactites, estalagmites, lagos, riachos e uma sala natural com quarenta e três metros de altura, uma das mais deslumbrantes da Europa.

Há quem visite a gruta e julgue reconhecer figuras humanas nos bizarros espeleotemas, e há também quem ainda procure a gralha que levou à descoberta daquele lugar.

Ninguém, no entanto, sabe o que aconteceu no interior dessa gruta em Agosto de 1998. Se alguém soubesse, talvez conseguisse ver nas figuras imaginárias cada uma das silhuetas do trio de jovens cujas vidas ficaram para sempre perdidas nesses dias quentes, e na gralha, o sinal de alerta, a advertência aos incautos: *lasciate ogne esperanza, voi ch'intrate.* Tal como no «Inferno», de Dante.

Muitos anos mais tarde, quando já era um homem, o rapazinho que descobriu o algar suicidou-se.

* * *

Bom, a parte do suicídio não é verdade.

Ou talvez seja. Não sei. O Homem Lá de Cima tem um sentido de humor bastante arrevesado, já sabemos, e é bem possível que esse rapaz curioso que descobriu as grutas tenha também sentido, mais tarde na vida, aquilo que eu agora sinto — que, após certa idade, quando a fé se recusa terminantemente a chegar, podemos cair numa das formas mais viciosas e patológicas de depressão, a que se chama «anedonia», palavra cunhada por um tal professor Ribot, de que William James fala n'*As Variedades da Experiência Religiosa* (um dos livros que me perseguem com a mesma voracidade dos fantasmas de Porta e de Simples, os meus bons cães!), e que é parente da analgesia.

Ribot dá o exemplo de uma jovem que, após uma doença do fígado, deixou de sentir afecto pelo pai e pela mãe; deixou de ter prazer em brincar com as suas bonecas; manifestava um desinteresse absoluto pelas coisas que outrora a faziam rir. Não havia nela perversão nem violência, mas uma ausência completa de reacção emocional. A ideia dos pais, da escola, dos amigos e do futuro compeliam-na tanto como o algoritmo de Euclides.

Quem sabe se esse miúdo de cinco anos não se tornou um adulto deste tipo, afectado pelo êxtase do passado, a descoberta de um mundo subterrâneo e mágico, perante o qual a realidade quotidiana não passa de uma fraude monótona e cansativa. Quem sabe se não chegou aos trinta, ou quarenta, ou cinquenta anos, e se pôs a matutar sobre o sentido da existência (ele, que já cumprira o seu destino em criança), concluindo que a sua passagem por este mundo estava destinada a ser, doravante, um fracasso. Quem sabe se não pôs fim à vida de uma das maneiras que eu imaginei para pôr fim à minha (não fui o único: Tolstói,

London, Mishima, a bela Virginia Woolf, talvez a paciente do professor Ribot, e tantos outros que se perderam no calabouço dos dias); eu, que fui salvo por ti, uma simples agente da PSP, da anedonia que tomou conta do meu ser durante aqueles anos de reclusão na Azóia.

Talvez esse miúdo tenha sido meu semelhante na confusão das coisas. Talvez os dois tenhamos tido a mesma guerra com o tipo lá das alturas, esse cabrão que se diverte à nossa custa. Talvez ele não tenha conseguido abandonar toda a esperança — essa, sim, a verdadeira tragédia humana —, transportando para a idade adulta a expectativa de um desfecho positivo.

Não há desfechos positivos, sabemo-lo bem.

Quando falamos das matérias com que tu e eu, juntos, lidámos nestes anos, a expectativa é meramente a sobrevivência. Se houver justiça, é apenas um acaso. Habituamo-nos a não ter ilusões.

Contudo, eu nunca poderia imaginar — nem nos meus sonhos mais revoltos e febris, nas noites de temporal debaixo dos cobertores no meu casebre, ou na cela daquela prisão imunda em Brixton, na companhia do negro de Croydon, que dormia no beliche superior — que ainda nos faltava viver o pior. O mais abjecto, o mais cruel de todos os casos até hoje.

O caso que nos separou para sempre.

O caso que te mostrou a tua Némesis.

O caso que começou em 1955, quando um rapazinho inocente perseguiu uma gralha em Porto de Mós e descobriu uma gruta.

* * *

Escrevi algures, num dos volumes das nossas aventuras a dois, que «os mais saudáveis entre nós são feitos do mesmo barro que os loucos».

Curiosamente, pertenço aos dois géneros.

Por um lado, continuo a ser o Cícero de outrora, aquele eremita da Azóia que conheceste num dia de temporal, perto do cadáver de Charlie Drexler, e que matou um velho decrépito num lar em Inglaterra. Alguém que a maioria dos seres humanos consideraria insano.

Por outro, recuperei a integridade psíquica, física e moral, manifesta no meu novo nome — Pompeu Magno Gervásio, cidadão de passaporte português, morador no número 14 da Travessa do Jordão, reformado, antigo funcionário público dos Correios, Telégrafos e Telefones —, através da excitação que tenho encontrado na vida ao teu lado (embora raras vezes juntos fisicamente). Pensei que estava a morrer, e afinal descobri que ainda nem sequer abrira os olhos.

E, contudo, o aborrecimento.

O tédio é o maior inimigo de pessoas como nós. Podemos iludir-nos e sonhar com a reforma, com um paraíso de águas mornas numa ilha onde faz sempre calor, mas a verdade é que, se esse fosse o meu destino, não hesitaria entre a corda e a bala. Estes três anos que passaram desde a minha fuga, e o teu regresso à PSP, mostraram-me que o meu alimento é o conflito, a minha chama, a convulsão. O marasmo que se instalou (brevemente interrompido por casos esporádicos, que ambos sabíamos ser de pouco sumo, becos sem saída, insignificantes minudências) estava a dar cabo de mim. Como se fosse uma espécie de enjoo em alto-mar, em que todos os prazeres, terrenos ou celestiais, parecem causar-me repugnância. Tenho a certeza de que o mesmo te acontece a ti. O padre filósofo Alphonse Gratry,

por consequência do isolamento mental e estudo em excesso, caiu nesta «anedonia», que no caso dele se propôs em forma de terror: um terror tão ilimitado, que «acordava de noite, sobressaltado, a pensar que o Panteão estava a desmoronar-se sobre a Escola Politécnica, ou que a escola estava a arder, ou que o Sena inundava as catacumbas e que Paris estava a ser engolida». E Gratry descreve aquilo que sinto nestas alturas: que fui rejeitado por Deus; que estou perdido, condenado.

Até ter recebido aquele *email* na manhã do primeiro dia do ano.

Foi a primeira vez, desde o início do teu exílio forçado, que esta nevralgia psíquica se levantou. Pelas piores razões, claro está; mas, tal como também já escrevi noutro volume, eu desabrocho sem vergonha perante o infortúnio, perante o caos e perante a morte.

Depois das nossas consoadas de 2022 e 2023 — nós e o teu querido Boris, com o seu pêlo ruço de labrador velho e barba grisalha —, em Junho passado, o pior dos cenários abateu-se sobre ti. Em breve falaremos disso. E eu, na tua ausência, passei um semestre que, a princípio, se afigurou tranquilo, mas, depois, um pouco assustador, ao perceber que a velha *melancholia* estava de regresso: pensamentos de fuga, de retornar ao antigo casebre na Azóia (por certo, já destruído pelos ventos e com as madeiras apodrecidas), de suicídio. E esses pensamentos, de início ameaçadores, tornaram-se insistentes e mais tarde obsessivos. Ainda tentei fugir da depressão por via do sexo; envolvi-me fugazmente com uma vizinha de bairro, uma cinquentona tão solitária quanto eu, mas cedo me aborreci dela.

Foi um período bastante difícil para ambos. Quando o Outono chegou, eu já estava completamente louco. O barro maleável de que sou feito começava a assumir contornos de

Diabo, e andei semanas na Internet à procura de cenas macabras, crimes hediondos, pornografia e antigos relatos sobre os casos que resolvemos juntos, enfim, até as coisas de que te acusaram eu fui ler, uma por uma, linha por linha, deitando-me com um desejo de vingança e de retaliação.

Como sempre acontece a quem está obcecado, a vida passou-me ao lado. Portanto, não reparei nas notícias de 26 de Dezembro; não percebi que o caso que eu tão ansiosamente procurava já aí estava. Começara muitas décadas antes, e a sua fase final pusera-se em marcha enquanto me encontrava distraído. E que, naquele quilómetro daquela estrada em Porto de Mós, próximo das Grutas de Santo António, aparecera o fio da intrincada e sinistra meada que nos cabe agora destrinçar.

Porque, embora tudo ameace ruir, continuo a acreditar, contra todas as probabilidades, que ainda somos uma equipa.

O INFERNO CHEIO

UM THRILLER DE JOÃO TORDO

Há crimes que ficam por resolver.
E culpas que nunca prescrevem.

Sete anos depois de *Águas passadas*, a ex-subcomissária Pilar Benamor está entre a espada e a parede. Após uma temporada de aparente tranquilidade, um acesso de violência afasta-a novamente do serviço e atira-a para as manchetes dos principais meios de comunicação. Acossada, procura refúgio em casa da mãe, até que Cícero Gusmão e um caso complexo vêm bater-lhe à porta.

Um cadáver mutilado é encontrado no meio de uma estrada, no mesmo quilómetro onde, quase trinta anos antes, reapareceu um rapaz que viajava com Irene Muir, sobrinha de Cícero. O desaparecimento de Irene durante as férias de Verão de 1998 é o mistério nunca resolvido que orbita em torno deste novo crime e que levará a dupla a mergulhar no passado, para tentar entender o presente.

Mas alguma coisa se insinua na sombra: um segredo apodrecido, um inimigo mortal. E, à medida que a investigação avança, as fronteiras entre vítimas e culpados esboroam-se, e até as certezas mais antigas ameaçam ruir. No meio das trevas, Pilar Benamor começa a descortinar algo muito mais sinistro, ligado ao seu próprio passado, ao lugar onde tudo começou.

E o lugar onde tudo começou é também o lugar onde tudo termina.

O Inferno cheio, um *thriller* intenso sobre culpa, memória e traição, uma última descida aos Infernos, que mudará para sempre a história dos seus protagonistas.

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
companhiadasletrasportugal
ISBN: 978-989-589-135-1